



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA**

**ELINEIDE CARDOSO DO NASCIMENTO**

**RESSIGNIFICANDO O CONCEITO DE CRECHE: UM OLHAR HISTÓRICO E  
METODOLÓGICO SOBRE ESSE ESPAÇO**

**GUARABIRA – PB**

**JUNHO/2012**

**ELINEIDE CARDOSO DO NASCIMENTO**

**RESSIGNIFICANDO O CONCEITO DE CRECHE: UM OLHAR HISTÓRICO E  
METODOLÓGICO SOBRE ESSE ESPAÇO**

**Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia sob orientação da Professora Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.**

**GUARABIRA – PB**

**JUNHO/2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

N244r

Nascimento, Elineide Cardoso do

Ressignificando o conceito de creche: um olhar histórico e metodológico sobre esse espaço / Elineide Cardoso do Nascimento. – Guarabira: UEPB, 2012.  
19f. Il.: Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira”.

1. Creche 2. Sociedade 3. Estigmatização  
I. Título.

22.ed. CDD 372

ELINEIDE CARDOSO DO NASCIMENTO

RESSIGNIFICANDO O CONCEITO DE CRECHE: UM OLHAR  
HISTÓRICO E METODOLÓGICO SOBRE ESSE ESPAÇO

Aprovada em: 28 / 06 /2012.

*Mônica de Fátima Guêdes de Oliveira*

Prof. Ms. Mônica de Fátima Guêdes de Oliveira  
Orientador

*José Otávio da Silva*

Prof. Ms. José Otávio da Silva / UEPB  
Examinador

*Silvânia Lúcia de Araújo Silva*

Prof. Ms. Silvânia Lúcia de Araújo Silva/ UERN  
Examinadora

À...

Deus, que me deu o dom da vida, a meus pais, mestres e familiares,  
dedico.

## **AGRADECIMENTOS**

Em especial, à mulher mais maravilhosa desse mundo “mainha”, por tudo que eu sou.

Á meu pai e demais familiares, por sempre enxergarem em mim a força que nem eu pensei que tivesse.

Ao meu esposo, pela paciência.

À minha orientadora Mônica de Fátima Guedes, pela construção deste trabalho.

Á todos os mestres que contribuíram em minha formação.

Á todos os amigos de sala, em especial Wanessa carvalho pela parceria durante esses quatro anos.

E, finalmente e não menos importante, a Deus por tudo acima citado, por meu existir, pela minha história que vem sendo escrita diariamente, por suas obras, como a natureza digna de maior admiração.

Falar de creche ou da educação infantil é muito mais do que tratar de uma instituição, de suas qualidades e defeitos, da sua necessidade social ou da importância educacional. É falar da criança. De um ser humano pequenino, mas exuberante de vida; dependente, mas capaz de polarizar atenções ao redor de si; todo aberto para o outro, mas que só se desvela se, no outro, houver paixão. É tocar no mistério da pessoa humana enquanto vida em busca de plenitude, de felicidade, de encontro. E é, também, falar um pouco de nós mesmos, pois quando nos colocamos diante da criança, como pais ou educadores, estamos nos interrogando sobre a nossa trajetória a partir da criança que fomos.

Vital Didonet (2001)

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo promover uma reflexão acerca do real papel da instituição “creche”. Para tanto, levantamos questões acerca de uma ideologia que tem se estabelecido ao longo do tempo sobre o trabalho desenvolvido acerca da mesma, que se dá justamente por sua conjuntura histórica, onde, a princípio, sua funcionalidade se limitava à guarda e ao cuidado físico de crianças a exemplo da alimentação e da higiene, dando origem a uma perspectiva que se milita a acolhida. Estas ideias têm contribuído para a estigmatização de seu papel dentro do contexto social. Para a efetivação desse trabalho foram realizadas consultas bibliográficas, bem como uma pesquisa de campo na creche Cônego José Paulo de Almeida. O estudo foi dividido em quatro partes, que correspondem à origem da creche na Europa, seu trajeto e implantação no Brasil, aponta ainda questões que evidenciam sua estigmatização desde sua criação e de forma mais criteriosa traz dados a respeito da visão que a comunidade de Itaporoca tem sobre o trabalho da creche acima citada.

**Palavras-chave: Creche, sociedade, estigmatização.**



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2 PERCURSO HISTÓRICO DA CRECHE NA EUROPA.....</b>	<b>10</b>
2.1 Repensando seu trajeto no Brasil.....	11
2.2 A estigmatização da creche ao longo do tempo.....	12
<b>3 CARACTERIZAÇÕES DA CRECHE “CÔNEGO JOSE PAULO DE ALMEIDA” NO MUNÍCIPIO DE ITAPOROROCA-PB.....</b>	<b>15</b>
3.1 A visão da comunidade de Itapororoca sobre a creche “Cônego José Paulo de Almeida”.....	15
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	

## 1- INTRODUÇÃO

Na Europa, com a transição do feudalismo para o capitalismo, em que houve a passagem do modo de produção doméstico para o sistema fabril, e, conseqüentemente, a substituição das ferramentas pelas máquinas e a substituição da força humana pela força motriz, provocam toda uma reorganização da sociedade.

O enorme impacto causado pela revolução industrial fez com que toda a classe operária se submetesse ao regime da fábrica e das máquinas. Desse modo, essa revolução possibilitou a entrada em massa da mulher no mercado de trabalho, alterando a forma de a família cuidar e educar seus filhos. Marx (1986), ao discutir a apropriação pelo capital das forças de trabalho suplementares, enfatiza que a maquinaria permitiu o emprego de trabalhadores sem força muscular e com membros mais flexíveis, o que possibilitou ao capital absorver as mulheres e as crianças nas fábricas.

A maquinaria estabeleceu um meio de diversificar os assalariados, colocando, nas fábricas, todos os membros da família do trabalhador, independentemente do sexo e da idade de cada um. Se, até então, o trabalhador vendia somente sua própria força de trabalho, passou a vender a força da mulher e dos filhos.

Na realidade, apesar do aumento significativo do número de trabalhadores, os homens foram, em parte, substituídos no trabalho pelas mulheres e pelas crianças, já que a lei fabril exigia duas turmas trabalhando: uma turma de seis horas e outra de quatro, ou cada uma, cinco horas apenas. Mas os pais não queriam vender o tempo parcial das crianças mais barato do que vendiam antes o tempo integral, mesmo que as condições de trabalho fossem péssimas.

A partir da segunda metade do século XIX, o quadro das instituições destinadas à primeira infância era formado basicamente da creche e do jardim de infância ao lado de outras modalidades educacionais, que foram absorvidas como modelos em diferentes países. No Brasil, por exemplo, a creche foi criada exclusivamente com caráter assistencialista, o que diferenciou essa instituição das demais criadas nos países europeus e norte-americanos, que tinham nos seus objetivos o caráter pedagógico.

Outro elemento que contribuiu para o surgimento dessas instituições foi as iniciativas de acolhimento aos órfãos abandonados que, apesar do apoio da alta sociedade, tinham como finalidade esconder a vergonha da mãe solteira, já que as crianças “[...] eram sempre filhos de mulheres da corte, pois somente essas tinham do que se envergonhar e motivo para se

descartar do filho indesejado” (RIZZO, 2003, p. 37). Numa sociedade patriarcal, a ideia era criar uma solução para os problemas dos homens, ou seja, retirar dos mesmos a responsabilidade de assumir a paternidade.

É interessante ressaltar que, ao longo das décadas, arranjos alternativos foram se constituindo no sentido de atender às crianças das classes menos favorecidas. Uma das instituições brasileiras mais duradouras de atendimento à infância, que teve seu início antes da criação das creches, foi a roda dos expostos ou roda dos excluídos. Esse nome provém do dispositivo onde se colocavam os bebês abandonados e era composto por uma forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória e fixado na janela da instituição ou das casas de misericórdia. Assim, a criança era colocada no tabuleiro pela mãe ou qualquer outra pessoa da família; essa, ao girar a roda, puxava uma corda para avisar a rodeira que um bebê acabava de ser abandonado, retirando-se do local e preservando sua identidade.

Por mais de um século, a roda de expostos foi a única instituição de assistência à criança abandonada no Brasil e, apesar dos movimentos contrários a essa instituição por parte de um segmento da sociedade, foi somente no século XX, já em meados de 1950, que a infância foi defendida, por alguns setores da sociedade, por acreditarem que os mesmos trariam vantagens para o desenvolvimento infantil, ao mesmo tempo foi criticado por identificá-los com instituições europeias.

As tendências que acompanharam a implantação de creches e jardins de infância, no final do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX no Brasil, foram: a jurídico-policia, que defendia a infância moralmente abandonada, a médico-higienista e a religiosa, ambas tinham a intenção de combater o alto índice de mortalidade infantil tanto no interior da família como nas instituições de atendimento à infância.

## 2- PERCURSO HISTÓRICO DA CRECHE NA EUROPA

A instituição creche que em francês *creche* equivale a manjedoura, presépio. Em italiano, *asilo nido* indica um ninho que abriga. “Escola materna” foi outra designação usada para referir-se ao atendimento de guarda e educação fora da família a crianças pequenas, esses espaços teve sua origem na Europa no final do século XVIII, durante o processo da revolução industrial no surgimento do capitalismo, que projetou a inserção da mulher e até mesmo crianças maiores no mercado de trabalho. Sua principal função era atender aos filhos dessas mulheres que passaram a trabalhar em setores até então tipicamente de homens à exemplo a indústria bélica. Segundo Neves (2002, p. 315),

[...] as novas condições de trabalho eram muito duras. Consistiam em tarefas árduas e pesadas, salários baixos, longas jornadas [de trabalho], de 14 a 18 horas diárias, executadas sem nenhum conforto em locais com condições higiênicas e sanitárias precárias. Ainda assim a oferta de mão-de-obra era abundante, porque os pobres eram obrigados a trabalhar, inclusive mulheres e crianças.

Devido a essa nova conjuntura que se firmara perante o desenvolvimento científico e expansão do comércio decorrente de atividades artísticas ocorridas no período do renascimento, também estimularam o surgimento de novas visões sobre a criança e sobre como ela deveria ser educada, ligadas ao novo contexto social. Daí, cresceu uma necessidade e preocupação em se criar um espaço que viesse atender as necessidades de cuidado e educação desses pequenos, acerca disso, Didonet (2001, p. 12) diz que:

As referências históricas da creche são unânimes em afirmar que ela foi criada para cuidar das crianças pequenas, cujas mães saíam para o trabalho. Está, portanto, historicamente vinculada ao trabalho extradomiciliar da mulher. Sua origem, na sociedade ocidental, está no trinômio mulher-trabalho-criança. Até hoje a conexão desses três elementos determina grande parte da demanda, da organização administrativa e dos serviços da creche.

De forma gradativa, passaram a surgir, então, instituições ligadas a um caráter filantrópico, delineado para este objetivo que se propunha ao cuidado e a guarda de crianças, favorecendo, assim, o estímulo de outros países a adotarem essa medida propiciada, através desses espaços, condições de cuidado infantil, pelo menos ao que se referia a crianças de 2 ou 3 anos, onde eram incluídas nesses lares. Eles ofereciam alimentação, higienização e guarda, mais lhes faltavam uma proposta instrucional formal, embora logo passassem a adotar

atividades de canto, de memorização de rezas ou passagens bíblicas e alguns exercícios do que poderia ser uma pré- escrita ou pré- leitura. Tais atividades voltavam-se para o desenvolvimento de bons hábitos de comportamento, a internalização de regras e valores religiosos, além da promoção de rudimentos de instrução.

## **2.1 Repensando seu trajeto no Brasil**

Com o seu efetivo surgimento no Brasil final do séc. XIX, a instituição creche se destinava particularmente para atender as crianças das camadas mais pobres, tendo por está questão situações semelhantes a outros países já que a funcionalidade dessas instituições limitavam-se ao cuidado de crianças de baixa renda, onde seus familiares não dispunham de tempo para seu cuidado.

Mesmo já tendo no Brasil, no final do período imperial e início da República, o jardim de Infância foi estabelecido como espaço típico da classe dominante.

Entre as diversas modalidades de estabelecimento de educação de crianças pequenas que emergiam no Brasil, a partir da nova concepção de infância, destacam-se os jardins de infância criados em 1873 por Froebel.

Os primeiro jardins de infância criados no Brasil, firmados em modelos desenvolvidos noutros países e voltados para crianças mais abastadas foram precursores da atual pré-escola. Já as primeiras iniciativas direcionadas às crianças trabalhadoras possuíam um cunho assistencialista e sua preocupação consistia em atender as necessidades das mães trabalhadoras.

A partir da década de 80, muitos questionamentos foram levantados a respeito da educação infantil, assim com os primeiros questionamentos em relação à proposta foram estabelecidos novos projetos.

A creche e as pré-escolas, bem como suas implantações no país, visavam uma forma de combater a pobreza e garantir a sobrevivência das crianças das classes menos favorecidas, tendo assim a concepção de creche marcada por uma ideologia apenas assistencialista ligada a cuidados de alimentação, higiene e segurança. Durante este período de sua implantação, o Brasil passava por diversas modificações em seu contexto social, exemplo familiar e mercado de trabalho.

Esses fatores históricos, sociais e econômicos determinaram as principais características do modelo tradicional de creche. Enquanto as famílias abastadas pagavam uma babá, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser em tempo integral; para filhos de operárias de baixa renda, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche/criança pobre e o caráter assistencial (ista) da creche (DIDONET, 2001, p. 12).

De acordo com a LDB (Lei nº 9394-20/12/1996- art.4º), o estado deveria garantir o atendimento gratuito em creches e pré-escolas a crianças de 0 a 6 anos de idade, ou seja, a partir desta lei o atendimento nas creches deveria ser obrigatório e não mais um favor a crianças pobres, mas, infelizmente, o termo “creche” sempre esteve interligado a um serviço oferecido a população de baixa renda.

## **2.2 A estigmatização da creche ao longo do tempo**

Uma característica da educação infantil há pouco adotada em nossa área é a que atribui a essas instituições o papel de educar e cuidar, inspirada na expressão inglesa educar: o risco de que se corria com ela é aquele em que caiu a proposta do referencial a segmentação dessas duas dimensões se o cuidado deve ser observado nos mais diferentes níveis educacionais, trata-se de um elemento fundamental na educação da criança pequena a tradução da palavra inglesa precisaria manter a unidade dos termos utilizando-se elos entre eles: educar e cuidar.

A caracterização da instituição de educação infantil como lugar de cuidado e educação, adquire sentido quando segue a perspectiva de tornar a criança como ponto de partida para a formulação das propostas pedagógica. Adotar essa caracterização como se fosse um dos jargões do modismo pedagógico, esvazia seu sentido e repõe justamente o oposto do que se pretende. A expressão tem o objetivo de trazer a tona o núcleo do trabalho pedagógico consequentemente coma criança pequena. Educá-la é ato integrado ao cuidá-la.

Outra formulação que se tem adotado em alguns trabalhos sobre instituições de educação infantil é que as denomina de instituições educacionais não escolares, ou extraescolares. O seu grande valor é demarcar está área em relação à chamada tendência de escolarização das creches. Certamente, a creche é uma instituição não escolar, se entendermos por escola o ensino fundamental. Há quem tenha afirmando para se contrapor a formulação genérica de instituição educacional, para a creche que a família também o é. Ora estamos querendo delimitar uma instituição educacional coletiva, destinada da família. Mas uma

expressão como instituição de educação e cuidado, coletiva, não escolar, demonstra que é necessário retomar o caminho, sob o risco de chegarmos a frases intermináveis que não resolveriam problemas como o da compartimentação das propostas pedagógicas para essas crianças que necessita de uma educação integral. Em outras palavras, uma instituição escolar seria justamente aquela que tem por características reunir um coletivo de determinadas faixas etárias, ou com um interesse específico, para prestar um determinado tipo de educação.

O adjetivo escolar não definiria de antemão um modelo de organização pedagógica para a instituição. Definiria a natureza da mesma - educacional-, no interior da qual se encontrariam estruturas e objetivos de ordens diversas: A creche, a pré-escola, a escola de ensino fundamental, a escola técnica (de processamentos de dados, de análises laboratoriais, de construção civil e outras) etc.

A instituição pode ser educacional e adotar prática de cuidado que ocorrem no interior da família, sem precisar escorar-se em uma divisão disciplinar que compartimenta a criança. A instituição pode ser escolar e compreender que para uma criança pequena, a vida é algo que se experimenta por inteiro, sem divisões em âmbitos hierarquizados. *“As crianças não aprendem apenas quando os adultos têm a intenção de ensinar”* (GUNNARSSON em ROSEMBERG & CAMPOS, 1994, p. 164).

O que fica explícito é que agênese de uma ideologia que se estabelece acerca de qual trabalho a creche desenvolve, se dá justamente por sua conjuntura histórica, já que em sua origem seu trabalho se resumia a guarda e ao cuidado físico (alimentação, higiene, etc.) a partir desse ideário criou-se um estereótipo de funcionalidade da creche como espaço que dar banho, alimenta, e vigia a criança na ausência da família, com base nisso Oliveira diz que *“Não é possível ter a guarda das crianças sem educar e educá-las envolve também tomar conta delas”* (2010, p.37).

Atualmente, apesar de ainda prevalecer um ideário retorcido a seu respeito, a creche não é apenas um lugar que atende às camadas mais pobres, ela se tornou direito da criança, é lei todo pequeno independente de classe, cor etnia desfrutar de seu atendimento, de acordo com o Art. 22 da LDB:

A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegura-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em exercícios posteriores (LDB, p. 20, 1996).

A conjunção desses fatores acima citados propiciou um movimento da sociedade civil e de órgãos governamentais para que o atendimento a criança de zero a seis anos fosse

reconhecido na constituição Federal de 1998. A partir de então, a educação infantil em creches e pré- escola passou a ser, ao menos do ponto de vista legal, uma obrigação. Atualmente, é dever de o estado fazer valer esse direito, bem como também o torna a crianças desfrutar do mesmo de acordo com o (artigo 208, inciso IV). O estatuto da criança de o adolescente, de 1990, destaca também o direito da criança a este atendimento.

Reafirmando essas mudanças, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, promulgada em dezembro de 1996, estabelece de forma incisiva o vínculo entre o atendimento às crianças de zero a seis anos e a educação.

No título III, do Direito á educação e do dever de Educar, art. 4º, IV, se afirma que: “O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de (...) atendimento gratuito em creches e pré-escolas ás crianças de zero a seis anos de idade”. Tanto as creches para as crianças de zero a três anos como as pré-escolas, para as de quatro a seis anos, são consideradas como instituição de educação infantil. A distinção entre ambas é feita apenas pelo critério de faixa etária.

Para tanto faz-se necessário um novo olhar para a creche sendo ela não apenas responsável pela guarda de crianças e seu cuidado, mais que esse cuidar também esteja atrelado ao educar e ao brincar, pois, a brincadeira também é fator contribuinte no desenvolvimento do pequeno quer seja motor, cognitivo dentre outros. O brinquedo é um suporte da brincadeira, uma vez que a mesma é ação lúdica praticada pela criança, podendo ser supervisionada por um adulto ou livre. Como bem destaca Froebel:

“(…) Conceber o brincar como atividades livres e espontâneas, responsáveis pelo desenvolvimento físico, moral, cognitivo, e dos dons ou brinquedos como objetos que subsidiam as atividades infantis. Bem como a orientação para seu desenvolvimento”.(Apud, Santos. 2009 p.27)



### **3- CARACTERIZAÇÃO DA CRECHE “CÔNEGO JOSE PAULO DE ALMEIDA” NO MUNICÍPIO DE ITAPOROROCA.**

A creche cônego Jose Paulo de Almeida está localizada na Rua José Rodrigues de Carvalho, centro, na cidade de Itapororoca/PB.

Fundada em março de 1994, na administração de José Adamastor Madruga; governador Ronaldo Cunha Lima; secretária do trabalho e ação social, Sonia Maria Germano Figueiredo; com apoio CENDAC, comporta um único espaço físico dividido em 13 cômodos: 5 banheiros ( pra alunos e funcionários), 1 cozinha, 1 dormitório e 3 salas de aula, que se encontram em boa conservação.

Na creche, são recebidos 53 alunos de 1 a 5 anos ( pré 1 de 1 a 3 anos) e pré 2 de 4 a 5 anos), comporta 24 funcionários: 3 professores, 9 auxiliares, 6 pessoas de apoio, 2 serventes, 2 lavadeiras, 1 diretora e uma outra adjunta e 1 coordenadora pedagógica.

As atividades na creche têm início às 7:00horas com café da manhã, de 8:00 às 10:00 aulas, banho, 11:00 horas, almoço, logo em seguida escovação e dormitório, às 14:00 horas, lanche, às 15:00 horas do banho, às 16:00 horas jantar, concluindo as atividades educacionais do dia.

As crianças mantêm uma relação de respeito mutua, havendo algumas divergências, mas não fugindo do comportamento normal, os horários das tarefas são disciplinados, tendo um fluxo de pessoas controlado que se resume aos funcionários, pais e professores.

#### **3.1 A visão da comunidade de Itapororoca sobre a creche “Cônego José Paulo de Almeida”**

Em resumo, as pesquisas de campo feitas nas localidades da instituição puderam perceber que ainda é muito forte a ideia de uma concepção bastante equivocada em relação ao papel desenvolvido pela creche, muitas famílias ainda tem a ideia de que a mesma é responsável por apenas cuidar, alimentar e tomar conta de seus filhos.

Mesmo ainda alguns profissionais da instituição acham que sua função é limitada apenas ao cuidado dos pequenos, baseada no comportamento e atitude de qual conduta o profissional de educação infantil deve ter é que o profissional se perde de sua função,

contribuindo assim para a distorção desse espaço, já que o próprio não se dá conta de seu real trabalho.

A comunidade do município onde se localiza a creche “Cônego José Paulo de Almeida”, estabelece um olhar com sentimentos de confiança. Ela respeita os profissionais e reconhece que a instituição em questão é de suma importância para as famílias mais carentes da comunidade, pois, acolhem essas crianças, ao mesmo tempo, em que auxiliam as famílias nesse cuidado. Pode-se perceber que onde se encontra pontos positivos já que a dada comunidade valoriza a creche, no mesmo momento limita seu papel, ligando seu trabalho apenas ao cuidado físico. Podemos dizer que ainda se mantém muito forte a estigmatização do papel da creche na comunidade.

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como agir com a criança mesmo pequena, sem considerar suas vontades, suas necessidades, seus medos e seus sentimentos. As mudanças substanciais, em geral, despertam ansiedade. Daí, a importância de um trabalho consciente e responsável pela infância nas instituições infantis á exemplo a creche. É preciso fazer uma análise profunda e aguda da palavra “creche” como signo social para compreender seu funcionamento como instrumento da consciência. É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for.

A creche, hoje, além de uma necessidade é um direito de toda e qualquer criança, independente de classe, gênero, cor ou sexo. O trabalho dos educadores de creche corresponde à assistência e à educação, oferecendo um atendimento comprometido com o desenvolvimento da criança em seus aspectos físicos, emocionais, cognitivos e sociais (LDB/1996).

O espaço das creches se divide em salas onde cada uma é responsável em atender a demanda por idade. Num determinado momento de permanência da criança na creche, ocorre o remanejamento dela para outra turma quando atingida a idade máxima permitida na sala. Este momento tem grande importância por corresponder à inclusão ou exclusão da criança no novo grupo.

Cada educando aprende e se relaciona com os demais de maneira singular, pois, trazemos conosco uma história uma ideologia. Nossas crenças e valores não se desvinculam de nós mesmos em nenhum instante. Direcionar nossa atenção apenas a portadores de necessidades específicas não vai mudar o atual sistema de ensino caótico onde muitas crianças ainda reprovam porque não "compreenderam" algumas equações ou não escrevem em letras cursivas ou ainda não decoraram toda a tabuada e os verbos que o professor quer, no presente, pretérito mais-que-perfeito, futuro do presente, etc.

Portanto o papel do educador se dá de forma primordial para o efetivo reconhecimento da instituição creche não apenas como espaço assistencialista, mas um lugar onde se evidenciam as primeiras experiências educativas da criança. Apesar de toda sua conjuntura histórica que, ao longo do tempo, distorceu seu papel essa instituição tem contribuído para o desenvolvimento que seja físico, cognitivo e educacional da criança.

Por ser um ambiente de suma importância para o educando que vai aprendendo a se relacionar com os demais de maneira singular, a creche traz consigo uma história, uma ideologia. Suas crenças e valores não se desvinculam deles em nenhum instante. Com esse constante contato com as demais crianças, eles vão aprendendo a lidar com suas emoções e atitudes.

O que fica registrado é o olhar dessas instituições apesar de todo seu referencial educacional ter sua função estigmatizada, pois, a característica assistencialista da creche é, hoje em dia, ainda muito forte, muito presente em algumas instituições e na consciência de muitas pessoas. Noutras, há objetivos educacionais explícitos com proposta pedagógica fundamentada nas ciências pertinentes e com profissionais qualificados.

Cuidado e educação são assuntos polêmicos, não há como dissociá-los num ambiente como a creche, onde o processo educativo também envolve o cuidado físico.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. In: MENESES, João Gualberto de Carvalho [et al]. **Estrutura e Funcionamento da Educação Básica: leituras**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB-COEDI, 2006.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

DIAS, Adelaide Alves. **Direito e Obrigatoriedade na Educação Infantil**. In: DIAS, Adelaide Alves e SOUSA JUNIOR, Luiz. **Políticas Públicas e Práticas Educativas**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.

\_\_\_\_\_. **Políticas Públicas para a Educação Infantil: Entre o cuidado e a educação**. João Pessoa, 2004 (mimeo).

DIDONET, Vital. Creche a que veio... para onde vai... In: DIDONET, Vital (org). **Em Aberto – Educação Infantil: a creche, um bom começo** / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. V.18, n.73, Brasília, 2001.

FREITAS, Marcos Cezar de (org). **História Social da Infância no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

NUNES, Deise Gonçalves. Reconhecimento Social da Infância no Brasil: da menoridade à cidadania. In: VASCONCELOS, Vera Maria Ramos de. **Educação da Infância: história e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. **A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.